

Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

A 15 de setembro 1765, segundo Castilho (José), e a 17 de setembro 1766, segundo outros biographos, nasceu na villa de Setubal o grande poeta portuguez Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

Seu pae, José Luiz Soares de Barbosa, tambem nascido n'aquella villa em 29 de setembro 1725, tomára na universidade de Coimbra o gráo de bacharel na faculdade de direito canonico. Servindo logares de letras, foi juiz de fóra da Castanheira, e de Povos, e depois ouvidor na cidade de Beja. Mais tarde abandonou a carreira da magistratura, para viver em mais liberdade e independencia pela advocacia na sua villa natal.

Foi mãe de Manoel Maria, D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage, casada com seu pae em 6 de junho 1758, filha de D. Catharina Cosma Gil le Deux du Bocage, e de Gil l'Hédois du Bocage, natural de Cherburgo, na Normandia, que entrára na marinha portugueza em 1704, no posto de capitão de mar e guerra, e fôra em 1717, pelo seu merecimento, e serviços nos combates do Mediterraneo e do Brazil, promovido a coronel de mar e guerra (vice-almirante).

Manoel Maria, pela volubilidade do seu genio, frustrou as diligencias que seus paes faziam para que recebesse educação civil e litteraria regular. Aprendeu latim com um ecclesiastico hespanhol, D. João de Medina, e francez com seu pae.

Em 1780, por escolha propria ou complacencia com os desejos da familia, sentou praça de cadete no regimento de Setubal, depois regimento n.° 7. Passados dois annos, por ventura inspirado pela gloriosa carreira de seu avô, passou a Lisboa e mudou d'arma, entrando para a armada real como guarda marinha. Não presistiu, porém, muito tempo na nova carreira. Em 1785, na edade de 19 para 20 annos, apparece de novo no exercito, com o posto de tenente de infanteria, e proximo a partir para os estados da India.

No fim d'uma penosa navegação Bocage aportou a Goa. Ahi a decepção das suas esperanças foi completa; a desinquietação do seu genio tornava-lhe intoleravel aquella vida materialissima, monotona, e obscura, cujos principaes accidentes e figuras mal podiam escapar á satyra do poeta. D'aqui as conjurações contra elle, e os planos de perdel-o. Escapando felizmente a elles, salvo d'uma aguda e prolongagada enfermidade que lhe poz muitas vezes a morte diante dos olhos, deu baixa do serviço militar, e saiu de Goa para Macau, segundo se suspeita como deportado pelo capitão general D. Frederico Guilherme de Sousa, que pelo seu genio vingativo não esqueceu a injuria que Bocage lhe fizera na pessoa da sua amante, com o poema obsceno *A Monteigui*. De fins de 1788 a principios de 1789 é esta viagem, mas ignora-se se foi na ida ou na volta que o poeta naufragou, e, como Camões, se salvou a nado, com suas poesias, parte d'ellas publicadas depois no primeira tomo das *Rimas*.

Ao governador interino de Macau, o desembargador Lazaro da Silva Ferreira deveu os soccorros necessarios para regressar á patria. Em agosto 1790, contando já 24 annos, estava de volta em Setubal, sem bens nem occupação de que vivesse.

Em novembro 1791 publicava o 1.º tomo das *Rimas*. Deslumbrado com os applausos que ellas lhe grangeavam, rompeu mais abertamente hostilidades com a nova Arcadia, em que fôra admittido. Nenhum dos consocios escapou ao latego bocagiano. Superior aos seus antagonistas, cresceu-lhe a reputação com os admiradores. Confiado nos seus recursos, atreveu-se a tudo e a todos.

Algumas poesias imprudentemente, vulgarisadas pouco escrupulosas na fórma, e inspiradas sem duvida pelos sentimentos de liberdade politica e liberdade de consciencia, que a revolução franceza bafejava, lhe valeram uma perseguição da policia até cair na inquisição. Passada ordem de prisão contra elle pelo intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, foi o poeta procurado em casa do morgado michaelense André da Ponte do Quental da Camara, tambem poeta, então cadete do regimento denominado da armada, e mais tarde deputado ás cortes de 1820, e senador eleito ás anteriores a 1842, com quem Elmano Sadino (que tal era o nome arcadico de Bocage) morava então. Não se sabe por quem previnido mas sem tempo para avisar o companheiro, nem salvar os livros e papeis, refugiou-se a bordo da corveta *Aviso*, que estava em vesperas de sair para a Bahia. Encontrado só André da Ponte, prenderam-no os beleguins. Bocage, descoberto a 10 d'agosto 1797 na embarcação em que se homisiára, foi pela justiça trazido ao Limoeiro, onde o conservaram em rigoroso segredo. Na mesma data mandára Manique que o juiz do crime do bairro d'Andaluz abrisse devassa acerca do procedimento de Manoel Maria, suspeito de ser auctor d'alguns *papeis impios, sediciosos e criticos*, espalhados nos ultimos tempos pela corte e reino; acrescentando, que as informações havidas davam o poeta como desordenado de costumes, desconhecedor das obrigações religiosas, e remisso na pratica dos sacramentos, que as leis da egreja mandam guardar.

As culpas que então lhe imputavam nada tinham de leves. Sobre isso ainda mais o desfavorecia a opinião da auctoridade.

Instaurado processo, foi diversas vezes perguntado pelo desembargador Ignacio José de Moraes Brito. Recorreu n'esse trance á protecção dos marquezes de Ponte de Lima, de Abrantes, e de Pombal, que o não desampararam. Nas obras completas de Bocage, de que ha pouco preparou escrupulosa edição o nosso primeiro bibliophilo Innocencio Francisco da Silva (editor Lopes), se lêem as epistolas que áquelles personagens dirigiu. Compadecidos d'elle, uniram-se os protectores nos esforços, e conseguiram quebrar-lhe os ferros, e restituil-o á liberdade, dando para isso a conveniente direcção ao processo. Parece que o ministro d'estado José de Seabra da Silva, grande admirador de Elmano, não foi estranho a este resultado.

Em 7 de novembro, quasi tres mezes depois da prisão de Bocage, foi o preso remettido pelo intendente geral da policia ao inquisidor geral D. José Maria de Mello. Transferido n'esta occasião para os carceres da inquisição, passou d'ahi ao convento de S. Bento da Saude.

Em 22 de março 1798, dirigiu-se novamente Manique ao corregedor do crime do bairro dos Romulares, para que fosse receber em S. Bento o recluso, e conduzil-o ao hospicio das Necessidades, onde ficaria sem venia de sair até nova ordem, e sem communicar com pessoas de fóra, mas permittindo-se-lhe andar em liberdade pelo hospicio, descer á cerca nas horas de recreação, e tratar com os religiosos conventuaes. O officio de Manique terminava por uma exhortação quasi paternal, em nome do soberano, dizendo que o principe regente esperava — «que por meio das correcções, que tinha soffrido, Manoel Maria de Barbosa du Bocage, tornando a si e aos seus verdadeiros amigos e parentes, abandonaria os vicios e a prostituição, em que vivêra escandalosamente.»

Se a lição não aproveitou, quanto os protectores desejavam, não foi entretanto perdida de todo para Elmano. O padre Joaquim de Foyos o ouviu de confissão geral. Continuando em custodia entre os congregados, quando teve o espirito mais serenado deram-lhe a liberdade. Restituido aos amigos, quebrou a pena com que escrevêra a «Pavorosa» e compromettêra os costumes publicos. Consagrou-se mais seriamente ao estudo e ao trabalho. Estabeleceu-se para isso em casa propria, e chamou para sua companhia sua irmã D. Maria Francisca, cuja amisade e carinho foram o maior lenitivo ás dores dos ultimos mezes da sua vida.

Bocage, que rejeitára de José de Seabra o logar de official da bibliotheca publica, melhor aconselhado depois pelas necessidades da vida, não duvidou acceitar do religioso arrabido frei José Marianno Velloso, então director da officina chalcographica, creada pelo ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o encargo de rever cuidadosamente provas de obras destinadas a diffundir a instrucção, e empregar o tempo sobejo em versões e composições originaes, cuja primeira edição ficasse para a casa. Tinha por isto a modesta retribuição mensal de vinte e quatro mil réis. D'aqui nasceram as admiraveis versões dos *Jardins* de Delille das *Plantas* de Castel, do *Consorcio das flores* de Lacroix e do *Canto de Tripoli* de Cardoso.

Denunciado como suspeito de ligações maçonicas, pelo escrupulo d'uma beata, á inquisição, em 23 de novembro 1802, mandou o tribunal, por entermedio do padre José dos Reis Marques, indagar dos fundamentos da denuncia. A resposta do padre Marques, que ouvira para isso a devota, é de 28 d'abril 1803. A cousa era futil nas suas circunstancias. O negocio não foi adiante. O tribunal, segundo parece, poz-lhe pedra em cima, pois que vivendo Bocage ainda quasi tres annos, não consta que padecesse por isso o menor dissabor. Entre os papeis que da extincta inquisição foram em 1821 para o archivo nacional da Torre do Tombo, está o autographo d'aquella fanatica denuncia.

Aos padecimentos moraes, que tantas luctas sustentadas com os homens e com não poucos erros lhe tinham occasionado, succederam padecimentos phy-

sicos, aggravados pela vida desordenada, que mais por este, mais por aquelle meio, Manoel Maria nunca deixára de levar. O mal tornára-se sem remedio. Grande numero de pessoas de todas as gerarchias corria a informar-se do estado do enfermo. Lisboa inteira anciava. No dia 21 de dezembro 1805, pelas dez horas e um quarto da manhã, n'um dessolado terceiro andar n'uma pequena casa na travessa de André Valente, cerrava Elmano para sempre os olhos, na edade de trinta e nove annos e tres mezes. José Pedro da Silva, seu amigo, que fôra por tantas vezes a sua providencia, por si e com o concurso d'outros amigos, arranjou com que fazer-lhe o enterro. Frei José Botelho Torresão lhe recitou um soneto, quando o corpo descia á cova no cemiterio da egreja das Mercês. Como Camões, e como tantos homens distinctos d'esta ingratissima terra, ficou sem lapide, sem inscripção que ao menos recordasse a sua ultima morada. Seus restos, confundidos e desprezados, perderam-se para sempre.

Improvisador sem rival, Bocage era sobre tudo poeta distincto, justamente celebrado e admirado. Não houve genio de poesia em que não medisse as forças e não quizesse mostar-se eximio. Onde, porém, se distinguiu mais foi na elegia, no apologo, no epigramma, inclusivè os sonetos d'este genero, na epistola e na anacreontica. Como poeta bucolico tem logar secundario. Como poeta lyrico tem muito mais inferior merecimento. Como traductor foi admiravel. Nos seus escriptos brilha o fogo e enthusiasmo da inspiração, o atticismo, a louçania, a correcção da linguagem. O seu estilo é facil, suave, elegante, harmonioso, e florido sem affectação. Versos harmoniosos e elegantemente torneados dão relêvo aos traços vehementes e expressivos do seu admiravel genio.

São dignas de referir-se aqui algumas linhas que a respeito do merecimento geral de Bocage se lêem no importante estudo critico que a respeito d'este poeta escreveu o nosso distincto escriptor Rebello da Silva, e a academia real das sciencias, de que é fulgurante ornamento, publicou.

«Em Bocage ha duas physionomias que se distinguem, e dois poetas que se contradizem. O repentista, e o grande auctor. O primeiro altêa-se e precipita-se, paira sobre as nuvens, e arrasa a terra, conforme a vehemencia da exaltação, e o instantaneo vigor do impeto. O segundo, apaixonado e magestoso, teve lagrimas para a dor, rasgos profundos para o ciume, suspiros para a ternura, desenho e colorido para as paixões.

«Ninguem sabe o que lhe reservava o futuro. Ninguem hoje inclinado sobre um tumulo é capaz de sondar nas cinzas frias as posses d'aquella intelligencia extincta antes de se revelar inteiramente, nem os prodigios de um engenho, que não entrou nunca em lucta, que perdesse. Julgal-o pelas suas obras, não é senão soletrar incompletamente em um epitaphio, que a morte vedou acabar. Os defeitos foram os excessos das suas qualidades. As prendas que lhe ennobreciam o talento eram joias admiraveis de vocação feliz, o exame e meditação dos modelos, a pausa e a reflexão do trabalho, na edade propria deviam determinar uma phase nova: a das producções de longa e esmerada execução. A tragedia e a epopéa, para as quaes voltava já o ardor, offereciam-lhe base bastante vasta para se despertarem faculdades, que talvez estivessem adormecidas esperando pela sua hora....

«A Elmano para ser o primeiro, depois de Camões, talvez não faltasse senão a epocha propria, e a vida mais larga. É a conclusão que auctorisam as suas obras. Com os annos, em mais ampla esphera, os defeitos, n'elle quasi sempre produzidos pelo ardor das qualidades, haviam de gastar-se com a lima, é desapparecer com a reflexão. A medida que o repentista fosse o inspirado poeta Bocage, pelo esmêro das suas composições, subiria novos gráos até chegar (quem sabe!) áquella eminencia rara, d'onde reinam sobre a admiração dos seculos os conquistadores intellectuaes, qualquer que seja a manifestação que escolham para agitarem o mundo pelas idéas.»

O AVARO

(Concluído de pag. 286).

O avaro tem maior horror á propagação do que o damnado á agua. Detesta a mulher, como um china detesta o christão, como um agiota detesta os governos que pagam em dia, como um pretencioso detesta quem o offusca, como um ministro orgulhoso, egoista, e ambicioso do poder detesta o orador mais corajoso e eloquente da opposição, como, em fim, Lucifer detesta a cruz. Assim o avaro morre sempre celibatario e, o que mais é, virgem, porque não namora, porque não casa, porque não tem amantes. Diz o rifão: «amor e dinheiro não podem estar escondidos por muito tempo». O nosso typo fere notavelmente esta lei filha da observação e das tendencias humanas, que o povo analysa e traduz em espirituosos aforismos. É nos outros o dinheiro o combustivel que mais inflamma e põe as paixões a descoberto, em activo e accelerado movimento. No avaro é o dinheiro o mais poderoso efficaz moderador dos desejos e expansões d'alma. É mestre que lhe ensina por outro methodo a conhecer as perigosas consequencias que do amor correm para a algibeira. Não dizemos bem: que do amor correm para a burra, porque o avaro nunca traz dinheiro na algibeira.

O namoro é um verdadeiro e mysterioso magnetismo, que, pouco a pouco, attrae um para o outro, os corações; e da geração d'este phenomeno ao casamento, apenas dista um ponto. O casamento augmenta logo a familia com a mulher; mais tarde começam a nascer filhos indefinitamente; e todos estes novos appendices comem, bebem, vestem, calçam e precisam de educação. Uma amante é peior do que uma esposa: ninguem as tem *boas*, que não sejam d'esfolar. Ora tão certas consequencias adivinha e aprecia o avaro, como se d'ellas houvesse sido triste e desgraçadissima victima, condão que só elle tem, devido á maneira especial por que lhe falla o dinheiro. Não carece de experiencia para aprender as cousas que só esta ensina. Estuda o mundo sem o tratar. Ter que sustentar os outros com fartura, quando elle passa mesquinhamente; ter que satisfazer á variabilidade do appetite alheio, quando castiga a do seu com repetidos jejuns, sardinha d'escabeche e bacalhau; trazer os mais á moda, quando elle anda jarreta; é encargo cuja idéa só o gela e prostra. Não nasceu para sustentar gulosos e, muito menos, para ferir o christão pensamento: «a carne é o maior inimigo da alma» que observa á letra em todas as interpretações provaveis e possiveis a fim de segurar a sua alma, que é o dinheiro.

Um pouco restrictos nos tornámos quando dissemos que só á aranha se assimilhava o avaro. Felizmente estamos a tempo de nos corrigirmos. Não, senhores. Diga-se a verdade. Tambem se parece com o caracol. Primo: porque vive constantemente mettido em casa. Secundo: porque só apparece quando faz sol, e o sol do avaro é o dia 25 de cada mez e de cada semestre, em que então sáe, mal desponta a aurora, para pedir a renda aos seus inquilinos. Dizemos pedir e não receber, porque o avaro pede antes

de receber. Baixo e corrupto d'alma, um numero infinito de vezes mais hypocrita do que um puro e genuino jesuita, não desdenha descer até ao ultimo degráo de nojenta e traiçoeira humildade, com tanto que no fundo d'ella lobrigue algum interesse, ainda o mais pequeno, com que saciar a vileza faminta, que lhe corroe e mina activamente as fibras do coração, e ache ahi escuridão sufficiente para occultar aos outros o brilho do seu ouro. São dois os seus empenhos: accumular capitaes metallicos, como dissemos, e conserval-os sempre ao abrigo do conhecimento publico. No segundo está a razão d'elle não habitar em casa que não tenha as seguintes condições: ser velha; pequena; sege, em fim, que não diga quem váe dentro; d'uma só morada; de poucos ou nenhuns visinhos pelos flancos; estar em sitio deserto, de pouco transito, e não muito conhecido. É assim que o avaro completa o tributo da vida, sem como tal ser conhecido, e chega, até, a conseguir que os de boa fé se compadeçam d'elle, e muitas vezes o esmolem, como tem succedido.

Nós já gozámos a boa fortuna de ter um senhorio avaro. Representa a estampa, por signal, o seu retrato. E se cunhâmos este facto com a legenda de boa fortuna, e não de fatal, é porque de múito nos serviu para completar as noções que andavamos archivando sobre tão extravagante typo. Ao contrario do que acontece aos outros, longe bem longe de nos parecer curto o semestre, parecia-nos longo. Suspiravamos pelo dia 25 como os israelitas pelo seu Messias. Podéra não! se só n'este dia haviamos a melhor e a mais proficua occasião de estudar e admirar experimental ou praticamente o *limite* a que chegou a vasta, a profunda, a insondavel prodigalidade da natureza. Cabe menos mal a classificação de *limite;* porque, além do avaro, não vemos por toda a superficie do globo, nem nos consta que haja apparecido, phenomeno superior.

Aqui era o logar onde descreviamos a comica scena que em todos os semestres se passava, litteralmente a mesma, entre o nosso ex-senhorio avaro e nós. Mas o distribuidor, que é.... que é um verdadeiro distribuidor, distribuiu pelo caminho o quarto onde ia esta curiosa e, agora, desejada parte do artigo. Visto que não era possivel achal-a, e não haver forças que nos levem a escrever pela segunda vez ácerca do mesmo assumpto, fique a scena substituida por esta nota. Bem sabemos que melhor fôra ao leitor ignorar o desastre; careciamos, porém, de o não occultar. Accusâmol-o para que no futuro os nossos commentadores o lamentem á posteridade!

Continuemos a tarefa.

Dormir é para o homem do trabalho uma necessidade; para o doente de corpo e afflicto d'alma um allivio; para a victima acalorada de uma paixão amorosa um refresco; para o preguiçoso uma delicia; para o gallego, a ajuizar pela opinião do nosso, *a gloria d'esta bida;* dormir é, em fim, para todos um prazer mais ou menos appetecido, menos para o avaro. Para este é uma agonia, uma tortura, um desespêro. Morpheu affigura-se-lhe revestido d'outras apparencias, nutrido por outras paixões, affagando outros intentos. Não é um medico que nos reanima as forças, um amigo que nos enxuga as lagrimas e nos suavisa a dor do coração; mas sim um inimigo, o maior inimigo da nossa vida e do nosso dinheiro; um embaixador disfarçado da ladroeira, que nos vem embriagar com promessas de socego e paz, para mais facilmente nos assaltar o cofre. Pelo que, o avaro raramente goza as delicias da cama. Dormita na cadeira em que vive hermeticamente entalado, e onde o terrivel Morpheu, logrando-lhe a vigilancia, o vence depois de longa lucta com mil escabeceamentos. Prefere a rigidez e a tensidade do coiro que constitue, para eterna dura o assento da sua cadeira, ao fofo de um colchão, porque carece d'um cilicio que o acorde e conserve sempre á testa do seu dinheiro, que todas as noites conta e revê.

O avaro procura o mais que póde desembaraçar-se da familia. Paes que tenham filho com tal inclinação, não contem com elle. O peso do ouro esmaga-lhe o amor filial, varre-lhe do cerebro as recordações dos desvelos e sacrificios do amor materno, e entupe-lhe o coração a ponto de não poder entrar n'esse orgão um só remorso. O filho converte-se n'um ingrato eterno, e o homem n'um máo louco incuravel. Por isso, quando o avaro tem na sua companhia algum parente, uma sobrinha, por exemplo, como tinha o nosso ex-senhorio, não se attribue nunca tão raro facto a affeição ou caridade; mas sim a grande mysterio.

Desgraçada, porém, da victima que lhe está sob a tutela.

Olhae para aquella mulher que se vê gravada, a pag. 280, e dizei-me quaes são as felicidades que no seu rosto se lêem. Nem uma sombra, se quer de ventura desliza n'aquella expressão, onde só tristeza, melancolia, e soffrimento transparecem. Com alma e coração diametralmente oppostos aos do tio, avaliae a tortura em que passa a malfadada vida, seccando-se-lhe os verdes e floridos annos da mocidade n'uma estufa, onde não penetra ar livre, nem entram outras almas; vergada ao jugo pesado e tyrannico d'irrevogavel prohibição de namorar; condemnada a aturado e inglorio trabalho de tomar passagens em meias que não tem onde se lhes pegue, concertar forros e deitar fundilhos; sujeita a continuas penitencias de jejum, sem haver commettido peccados, cuja purificação exija tão amiudados castigos. Verdade é que, de momentos a momentos, uma boa esperança qual a de herdar a fortuna que nos longos serões do feroz tio, bem perto dos olhos lhe tine e luz, vem reanimar-lhe e vivificar-lhe o espirito enfraquecido. Mas essa esperança similhante a um meteoro, brilha um só instante. Amortece-lh'a e offusca-lh'a logo o rosto do maldito velho, onde parece firmado o sêllo de uma duração sem limites! Dir-se-hia que a propria morte, que a tudo se chega, repugna tocar-lhe.

Pobre mulher! Em que perigo não estás de morrer tisica ou de contracções d'estomago, antes de veres realisado a magico sonho das tuas louvaveis esperanças!

Custa a crer que o avaro, faltando a todas as necessidades do corpo e do espirito, tenha a prolongada duração do octogenario, e sempre forte, sempre rijo, sempre vigoroso.

Altos juizos de Deus!

É para notar a facilidade, rapidez, energia e vivacidade com que o avaro da nossa gravura, que e octogenario, se impertiga e analysa aquella *loira* que no lento decorrer da somma e da revisão, se lhe affigurou falsa. É para admirar a esperteza e o fogo d'aquelle olho gazeo, a força com que aquelles labios estreitos e contrahidos se estendem e apertam, como signal de colera a que precipitada desconfiança e requintada malicia d'improviso o arrastou. Será, sobre tudo, para nos encher de pasmo, se a *loira* for effectivamente falsa, os potentissimos sôcos que aquelles braços finos e mirrados hão de infallivelmente descarregar sobre os braços innocentes da cadeira, e a fecundidade prodigiosa da sua veia praguenta....

Não descubramos mais este typo hediondo. Tape-se outra vez, e deixemos ao diabo o cuidado de o archivar no catalogo das almas que no dia do juizo final hão de caber-lhe em legitima partilha.

NOGUEIRA DA SILVA.

VIAGENS EM HESPANHA.

BARCELONA

II.

Os catalães são religiosos como bons hespanhoes, e mantem o culto publico com muito esplendor e ostentação.

As egrejas de Barcelona são em geral mui antigas. Umas apresentam estilo gothico modificado e elegante, outras fórma macissa e pesada, com seus campanarios quadrados ou poligonos.

A cathedral está no coração da cidade velha. Typo da architectura religiosa catalã, occupa o logar d'um antigo templo pagão. Parece que já existia nos primeiros seculos da egreja. Foi reedificada em 1058, e em 1298 se começou a sumptuosa obra actual, no estilo gothico que começou a usar-se nos principios d'aquelle seculo, excitando ainda hoje a admiração dos intelligentes por sua solidez e magestade. A elevadissima torre *de las horas*, sobre o arco da porta de Santa Eulalia, diz um auctor hespanhol que é: «valentia del arte y pasmo de la arquitectura.»

Debaixo do altar mór ha um crypto ou subterraneo, onde se vê a famosa capella de Santa Eulalia, padroeira da cidade.

«Esta es Eulalia, la de Barcelona
De la rica ciudad, la joya rica!»

Esta santa foi martyrisada em 12 de fevereiro de 304, por ordem de Daciano. Refere uma lenda po-



Egreja cathedral de Barcelona. — Gravura de Flora.

pular, que sua alma subiu ao ceo sob a forma d'uma pomba, e que em 878 o perfume que seu corpo exhalava o revelou miraculosamente ao bispo Frodoyno, que o fez transportar para a cathedral; e depois passou para a referida capella, acabada em 1339. A este acto assistiram dois reis, tres rainhas, quatro principes, um cardeal, sete bispos, e grande numero de pessoas notaveis d'aquelle tempo. As reliquias da virgem martyr barceloneza estão n'uma urna ou arca de alabastro, sustentada por oito columnas de marmore jaspeado, duas das quaes, por sua fórma, se julgam trabalho dos carthaginezes ou dos primeiros romanos. Esta capella, e toda a cathedral, continha muitas preciosidades e riquezas, que modernamente desappareceram em grande parte.

O interior do templo offerece muitos promenores e objectos d'arte, dignos do minucioso exame do viajante.

Santa Maria del Mar é uma bella egreja, e o segundo monumento religioso de Barcelona, tambem de antiquissima fundação, como o são egualmente Santa Maria del Pino, S. Pablo, S. Pedro de las Puellas e outros templos que remontam ao seculo x, e attrahem a attenção dos antiquarios.

Entre os edificios publicos da cidade, quasi todos d'antiga fabrica, são para notar: o Palacio Real, habitação dos primeiros reis godos; o Real Palacio, antigo mercado ou *lonja* de pannos, reformado modernamente para residencia dos reis de Hespanha, quando vão a Barcelona; a Casa de la Diputacion, sumptuoso edificio, onde existe uma galeria de retratos de todos os condes soberanos de Barcelona, desde Carlos Magno até á actual condessa e rainha de Hespanha, D. Isabel II, e se vêem as magnificas salas artezoadas, em que se reuniam os antigos braços ou estados ecclesiastico militar e real, bem ocmo o

bello salão de S. Jorge, onde os monarchas aragonezes celebravam cortes; a Casa Consistorial ou da municipalidade, que passa por um dos melhores edificios d'esta classe na Hespanha; a Aduana, ou Palacio del Capitan General; e finalmente a antiga Lonja y Casa del Consulado, sita na Plaza de Palacio, que é a melhor de Barcelona, por sua vastidão, belleza e concurencia. A Lonja é um grandioso edificio todo de cantaria, e com varias escadas, pavimentos e balaustradas de marmore branco; tem no interior varias estatuas, que os naturaes louvam muito, mas que em geral passam por obras mediocres. O tribunal do consulado celebra alli suas sessões, e tem todas as repartições da sua dependencia. No terceiro pavimento do edificio estão as escholas de bellas artes e todas as outras gratuitas, sustentadas pela munificencia da junta do commercio, e que são frequentadas por 600 a 700 estudantes. No pavimento baixo se vê um grandioso e antigo salão no estilo gothico, que tem 166 pés de comprimento, 75 de largo, com elevada abobada apoiada em quatro columnas: alli no verão, e de inverno na Plaza de Palacio, pela uma hora do dia, se reune multidão de pessoas, que fazem toda a especie de transacções, sem outra formalidade mais do que a palavra dos contratantes, com a boa fé que distingue a classe commercial de Barcelona.

O Fuerte de Atarazanas é tambem digno de attenção. Sua fabrica primitiva parece que remonta a 1243, e servia d'arsenal das galés da marinha real. Hoje é um recinto militar isolado e bem flanqueado por baluartes e troços da muralha da cidade, contendo bons quarteis d'infantaria e cavallaria, um arsenal d'artilharia com varias officinas, e uma sala d'armas capaz d'accommodar 30:000 espingardas.

A cidadella faz parte do circuito fortificado de Barcelona. Foi construida nos principios do seculo XVIII, no reinado de Filippe V, e fórma um pentagono iregular, com largos fossos e fortificações no systema de Vauban, podendo alojar de 6 a 8:000 homens. Sua importancia militar não é grande, porque é inteiramente dominada pelo castello de Monjuich.

Deixemos agora a cidade.

Subamos por uma bella estrada em zig-zag, ao celebrado *Mons Jovis* dos romanos, *Mons Judaicus* da edade media, ou *Monjuich* dos modernos. Na chapada do morro ha excellentes e bem conservadas fortificações, que dominam a cidade, o porto e a campina, por meio de fogos curvos; pois os directos são demasiadamente mergulhantes.

Subi ao alto da torre que se eleva 735 pés sobre o nivel do mar, e d'onde se goza vista encantadora. D'alli afigura-se-nos a cidade como prostrada, pedindo graça ao gigante que a domina. A campina formosa, no raio d'uma a quatro legoas, apresenta o aspecto d'uma povoção continua, pelos seus muitos logares, e grande numero d'elegantes casas de campo, a que os naturaes chamam *Torres*. D'este ponto é que nas dissenções civis de 1842 e 43, foi bombeada Barcelona.

Extramuros da cidade deve o viajante visitar Barceloneta, ou bairro maritimo; povoação importance, que terá uns 14:000 habitantes, mais de 1:000 casas, em ruas alinhadas e cortadas em angulos rectos, dois quarteis, e grandes estabelecimentos de fundições de ferro, de maquinas para vapores, e d'outras varias industrias.

Perto d'alli se acha a *plaza de toros*, inalienavel de todas as cidades e povoações d'alguma importancia na Hespanha. A de Barcelona é uma das maiores, e póde conter 10:000 espectadores.

Na tarde do domingo 9 de outubro assisti a uma corrida de touros, pela quadrilha do afamado Cúchares. Entre os oito bois, havia dois portuguezes, chamados Morito e Gorrion, das manadas do Ribatejo do lavrador Raphael José da Cunha, e que a 200 legoas de distancia foram acabar ás mãos dos capinhas Manolo e Curro.

Para se fazer idéa do interesse e da minuciosidade com que se descrevem estes espectaculos na imprensa hespanhola, transcreverei o seguinte trecho da discripção d'esta toirada, que publicou o Diario de Barcelona de 11 de outubro de 1853.

«*Morito* se llamaba el tercer toro. Era de Lisboa, ganaderia de Acuña y tremolaba su hermosa divisa celeste. Era tambien negro, cornigacho, astiroto del izquierdo, de libras, de cabeza fiero y voluntario. *Morito* que, como digo, era mas negro que un móro y de alma mas negra que su pelo, tomó una vara de Pinto, y le mató un injerto de caballo que montaba, siete del Naranjero, que estuvo muy bien en ciertas ocasiones, dos de Calderon, cada una de las cuales le custó un tumbo y un jaco muerto, cuatro de Castañita con un rocin despachado, y cinco del famoso Barillas, que midió dos veces el suelo con sus costillas y perdió un camello. *Morito*, rencoroso como un moro cuando se halla entre cristianos, se revolvia con un afan y un celo, y se arrojaba á hombres y á capas de un modo que no parecia sino cumplir un secreto voto de venganza. Tres veces saltó la valla, con la misma facilidad con que se infringe tres veces una ley. Los muchachos le parearon con destreza, adornándo-le con dos pares y medio de colgajos, y el *Morito*, que se habia hecho de mas sentido que un vigilante de puertas, fué á morir á los piés de Curro, de una corta y de otra de recurso baja á paso de banderillas.

«Portugués era tambien, de la misma ganaderia de Acuña, el toro que salió en seguida. Se llamaba *Gorrion*, y era negro, liston, cornialto y astinegro. Salió jugueton y revoltoso como un trabajador en dia de fiesta, dispuesto á hacer mas calaveradas que baches tiene el empedrado de ciertas calles. Se mostró desde un principio blando al hierro, y aunque fué siempre voluntario, no recárgó jamás. Barillas le puso cuatro puyas, y ¡cosa particular! no se cayó una vez sola; Castañita otras cuatro, y Calderon cinco con un marronazo. Minuto y Muñiz pusiéronle entre los dos tres pares, y Manolo le tendió de un mete y saca primeiro, y luego de un volapié.»

(Continúa). C.

IMPERIO INGLEZ NA INDIA.

VII.

E os inglezes conservarão a India? Devemos dizer a verdade: crêmos que cedo ou tarde a perderão. Temos a convicção de que todas as colonias estão destinadas a tornar-se independentes. A natureza quer o governo local pela localidade. Mui provavelmente conseguirão os inglezes vencer a presente revolta: mas os castigos que já tem infligido aos amotinadores, e outros que ainda infligirão, sem numero nem piedade (se escutarem os conselhos dos jornaes de Londres), redobrarão o odio dos indios, que nunca considerarão os da sua raça, que forem ao cadafalso, senão como victimas da independencia patria, e jurarão vingal-os.

Isto será tanto mais grave quanto não ha no mundo quem, como os hindos, soffra com mais estoicismo a dor e a morte. As penitencias crueis, a que a sua superstição os arrasta, fazem tremer. Chegam a ir da estremidade da India até á origem do Jumna, sem nunca se porem em pé, caminhando com pés e mãos pelo chão centenas de legoas. Enterram-se vivos e por toda a vida n'uma cova feita na terra, sem terem outros alimentos mais que os que lhes levam os

devotos. Levantam o braço no ar e o amarram a uma comprida vara, com o fim de o conservarem n'esta posição, não obstante o tormento que dá: só alguns mezes depois deixam de padecer, porque paralysaram os nervos, e é já impossivel abaixar o braço. Fecham o punho estreitamente, e para sempre: as unhas, crescendo, atravessam a palma, causando-lhe por mezes inteiros uma inflammação horrivel até que sáem pelas costas da mão que fica assim como soldada, e nunca mais se póde abrir.

Vimos muitos d'estes fanaticos estropeados, reunidos debaixo dos arcos que rodeiam o principal templo hindo de Benarés, em que se acha a vacca, que adoram como deus. A que vimos era uma bella vaquinha branca, que não comia senão flores. N'uma de suas grandes festas annuaes, que dura tres dias, fazem toda a casta de barbaras loucuras. Uns atravessam a lingua com uma faca, e são assim obrigados a tel-a fóra da bocca. Outros enterram nos dois lados da cintura dois ferros ponteagudos, que sustentam outro ferro largo, que passa pelo ventre, e contém fogo. As calças são todas manchas do sangue que lhes escorre das feridas. E quem inventará nova penitencia! Os santos passeiam ás duzias pelas ruas. Cada um acompanhado d'um cortejo voluntario de musicos e dançarinos, fórma uma especie de procissão. Ha alguns que se fazem suspender do modo que vamos explicar.

Fincam bem na terra um poste vertical, e no cimo prendem um comprido bambú, que anda á roda como em eixo. N'uma de suas extremidades ha um gancho de ferro, com que atravessam a carne da espadoa d'um dos taes santos, que assim fica suspenso. A pelle da espadoa, e a parte da carne que o gancho separou, destacam muito, em consequencia do peso do homem: a fórma que a espadoa toma por esta elasticidade da pelle é visivel de mui longe. Na outra extremidade do bambú ha uma corda que chega ao solo, de que os rapazes lançam mão, e correm á roda do poste com quanta celeridade podem, fazendo com que o bambú ande em movimento circular. O homem que vae suspenso tem nas mãos um açafate ou sacco pequeno, com bolas como nozes, feitas com arroz e alguns outros ingredientes, formando uma especie de pastel. Não é preciso dizer que em torno d'este apparelho de supplicio está innumera multidão. O heroe da festa o homem enganchado pela espadoa ensanguentada, descrevendo rapidos circulos no ar, vae atirando sobre o povo d'aquelles bolos sagrados. Que gritos que empurrões para apanhar tão santa reliquia! Quando o fanatico não póde mais, ou não tem mais bolos, deixam pender para terra a extremidade do bambú de que elle pende desenganchan-no e engancham em seu logar outro, que os ha sempre promptos para isso.

Em Calcuttá, por occasião d'esta mesma festa annual, levantam grande numero d'estes postes, que se tornam em outros tantos espectaculos, como se fossem mastros de jogos. Fez o acaso que levantassem um, mesmo diante da casa que habitavamos. No primeiro dia chegavamos um ou outro momento á janella para ver aquelle absurdo feroz: depois tomamos-lhe asco, tanto era monotono e repugnante; e acabámos, por nos ausentarmos, para não ouvir a incessante algazarra da turba. Entretanto tudo isto são divertimentos. Ha ainda quem se immole aos seus deuses de muitos modos. Uns entram no rio sagrado, o Ganges, com duas amphoras amarradas uma adiante e outra atraz do pescoço recitam orações, e com a mão vão enchendo pouco a pouco as amphoras, até que com ellas se submergem e afogam. Outros vão estender-se diante das rodas do famoso carro de Janguernat, que pesa muitos centos de toneladas, e que milhares de devotos puxam por meio de duas cordas interminaveis. A roda que passa sobre a victima n'um instante a esmaga dos pés á cabeça.

As mulheres queimam-se com os cadaveres dos maridos. De 1825 para cá prohibiram os inglezes estes sacrificios chamados *seuttis;* mas asseguram que o suicidio das viuvas se perpetua no interior das casas. Nos paizes em que a Companhia não governa directamente, o uso dos *seuttis* é sempre bem observado. Um foi o de Runjetsig, rei de Lahore. No meio da fogueira se collocou a velha viuva sentada, tendo sobre os joelhos a cabeça do cadaver. Em roda, em circulo, sentadas tambem com as pernas cruzadas, estavam doze bellas raparigas escravas de Cachemira. A ceremonia fez-se no meio d'uma praça. As janellas das casas fronteiras estavam cheias de curiosos, e entre elles muitos inglezes munidos de oculos e lunetas, que asseguraram, que nenhuma d'aquellas mulheres deu na fogueira o menor signal de emoção.

Pelo mesmo tempo morreu o rajá de Travancor. Oitenta mulheres foram queimadas, umas após outra, na fogueira que durou tres dias.

Não foi sem longa hesitação que os inglezes prohibiram nos territorios de seu dominio aquelle horrivel costume. Ainda que o *seutti* não seja dogma da crença brahamanica, pois não é senão pia usança, com razão temiam atacar os prejuisos religiosos. A questão foi por muito tempo discutida. D'ella se occuparam muito os indigenas, que fizeram *meetings* com o fim de se opporem áquella providencia humanitaria, fundada, em parte na supposição de que as mulheres eram violentamente levadas á fogueira.

Em quanto se andava n'estas discussões occorreu o seguinte. Dois inglezes iam por um caminho, quando descobriram a certa distancia um ajuntamento. Dirigiram-se para elle, e acharam-se em frente d'um *seutti*. A curiosidade demorou-os.

Entre os hindos é costume trazerem um risco de tinta amarella desde o alto da testa até ao começo do nariz. A viuva, antes de entrar na fogueira, anda á roda d'ella, com a cara voltada para o publico, e uma tijella de tinta na mão, pintando com o dedo o nariz dos assistentes, o que é considerado uma honra, pelo que conservam este risco quanto tempo podem. Continuando na operação, chegava a viuva diante dos dois inglezes, quando parou, e lhes disse com serena dignidade: — «Alegra-me muito que aqui viesseis ver-me. Agora podereis ir contar ao governador geral, se porventura me conduzem á fogueira por força!»

Muitas vezes untam o vestido da victima com materias graxas para que arda depressa. O filho mais velho é sempre quem lança o fogo. Conhecemos mui particularmente na alta India um rico indigena, que na edade de sete annos queimára sua mãe. Recordava-se perfeitamente de todas as circunstancias do acto. O que mais nos admirava era não lhe causar isso a menor pena.

Muitas vezes succedia que o condemnado á morte ia ao supplicio ornado de flores ao som de musicas, e acompanhado dos amigos, fazendo holocausto da vida a alguma divindade da sua devoção. Agora, porém, não consentem os inglezes estas manifestações de desprezo pela morte.

VIII.

Este bosquejo dos costumes indios dá idéa das difficuldades que os inglezes podem ter que vencer ainda, se o antagonismo, o odio de raça, e a violencia passarem a estado normal na India. Carecerão primeiro de sustentar lá uma grande força europea. A expedição de tropas para aquella região será mui dispendiosa, e ainda mais porque será necessario renoval-as muitas vezes, Cada soldado europeu custa mais que dois indigenas. Não é só isto. E mui pro-

vavel que augmentem d'ora ávante os soldos aos soldados, officiaes, e empregados inglezes, para os convidar a ir a India, que já não é como o foi até aqui, a pacifica terra promettida aos habitantes da Grão-Bretanha. Para supprir ás novas despezas recorrerão ao augmento dos impostos, que os subditos da India acham já pesados em demazia, e cuja enormidade é uma das suas grandes queixas. Peor do que isso será, não serem os indios mais governados por soldados compatriotas. Empregarão soldados inglezes, cujo orgulho experimentarão muitas vezes. Os empregados indigenas d'alguma importancia serão demittidos. Assim, cada vez mais sentirão os indios o jugo estrangeiro; e desde então será indispensavel conservar a India absolutamente *pela força*.

Dissemos ha quinze annos, na obra já alludida, que quando chegasse o momento da emancipação da India a maior desgraça para a Grão-Bretanha seriam os esforços d'esta potencia para conservar aquelle imperio, e as sommas que uma tal lucta lhe custaria.

Por bem das proprias raças do Indostão é para desejar que esse momento não chegue ainda. A rede de caminho de ferro n'aquelle vasto e rico imperio apenas começou: parar n'essa senda de progresso para cair na multiplicidade d'estados, na guerra civil, na desordem, e na barbaria, seria para os indios a maior das calamidades.

Aqui finda a nosa transcripção d'uma curiosa obra que acaba de publicar-se em Paris, escripta por um distincto hespanhol, bem conhecido entre nós por muito amigo de Portugal e dos portuguezes. Em artigo especial daremos idéa de todo o escripto, procurando apreciar imparcialmente a obra do sr. D. Sinibaldo de Mas, *L'Angleterre, la Chine, et l'Inde.*



Tancar chinez. — Gravura de Coelho Junior.

EMBARCAÇÕES CHINEZAS.

O TANCAR.

A pag. 260 d'este semanario, tratando de embarcações chinezas, promettemos apresentar os desenhos do barco tancar e do mandarim. Hoje damos o primeiro, e ficará o segundo para outro numero.

O tancar, que representa a nossa estampa, corresponde no tamanho ao bote dos caes de Lisboa; mas é muito melhor aproveitado, porque constitue a habitação permanente de uma familia, mas onde só as mulheres fazem todo o serviço do mar. N'aquelle pequeno espaço vivem, tem filhos, criam-nos, e accommodam seus utensilios domesticos. A barraca, que se vê no desenho é formada de bambús e de esteiras bem tecidas, impenetraveis á agua. Alguns tancares são mantidos em perfeito aceio, e é agradavel andar n'elles nos rios e portos de mar.

O rude officio que exercem as tancareiras desde crianças lhes desenvolve completamente os musculos, e das suas largas calças de ganga azul sáem ás vezes bellas pernas nuas, que o proprio pincel de Rubens não esboçaria melhor. O seu vestuario pittoresco é em algumas tão ligeiro que põe fóra de duvida o sexo a que pertencem.

Nos portos frequentados pelos europeus é d'uso entre os capitães de navios e outros alugar um tancar aos mezes, incluindo a mulher que o maneja, que serve ao mesmo tempo de costureira, etc. Em Macau regula de 25 a 30 patacas o preço d'estes singulares contratos. Em geral as tancareiras são meretrizes; mas quando se alugam com o seu tancar, diz-se que guardam completa fidelidade ao alugador. É grande a prostituição na China, e as desgraçadas mulheres que a exercitam habitam ordinariamente sobre a agua ou sobre as margens dos rios, por prescripção d'algumas leis do imperio.

C.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Sem mulher o mundo é para o homem um deserto.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.